

GRUPOS OPERATIVOS COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO EM UMA CLÍNICA DE REABILITAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

FOSSATO, Erika.
BATISTA MOREIRA LOPES, Silvana.

RESUMO

Este estudo apresenta um relato de experiência sobre intervenções realizadas em um centro de reabilitação por estagiárias do sétimo período do curso de Psicologia, no período de 2024/2 e 2025/1. Foram realizados 40 encontros semanais, com duração de quatro horas cada. As intervenções concentraram-se em grupos de pacientes com transtornos mentais e dependência química, fundamentando-se na teoria dos Grupos Operativos de Enrique Pichon-Rivière. A metodologia adotou apresentações temáticas e dinâmicas interativas, com o objetivo de promover a assimilação de conhecimentos e estimular a reflexão. Os resultados evidenciam a importância da abordagem grupal em centros de reabilitação, destacando sua contribuição para a melhora social e subjetiva dos participantes. Conclui-se que o método dos grupos operativos constitui uma estratégia terapêutica fundamental, favorecendo a construção de vínculos e a ressignificação das trajetórias de vida dos indivíduos.

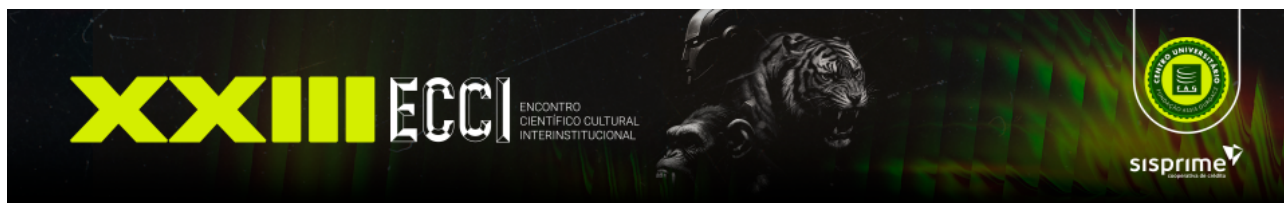
PALAVRAS-CHAVE: Grupos Operativos, Adictos, Emocionais.

1. INTRODUÇÃO

Desde o nascimento, a socialização constitui uma condição intrínseca à existência humana. A interação com o outro não é apenas um traço característico de nossa vivência, mas uma necessidade fundamental para o desenvolvimento emocional e social. É por meio dessas trocas que construímos nossa identidade, compreendemos o mundo e nos compreendemos. Sob essa perspectiva, os grupos não se limitam a um mero aglomerado de indivíduos; configuram-se como espaços de transformação, pertencimento e construção subjetiva.

Nesse cenário, a teoria dos Grupos Operativos, desenvolvida pelo psiquiatra e psicanalista Enrique Pichon-Rivière (1907-1977), emerge como um referencial paradigmático para a compreensão e a intervenção nas dinâmicas coletivas. Pichon-Rivière, cujas primeiras experiências grupais ocorreram em um contexto de crise hospitalar, percebeu o potencial terapêutico da interação colaborativa, onde a ajuda mútua entre pacientes não apenas supria carências assistenciais, mas também impulsionava um notável desenvolvimento psíquico em todos os envolvidos. Sua abordagem, centrada na tarefa e na aprendizagem, revolucionou a prática grupal na saúde mental.

A presente pesquisa justifica-se ao analisar a eficácia da técnica grupal de Pichon-Rivière no contexto de uma clínica de reabilitação para indivíduos com dependência química e transtornos



emocionais. Busca-se demonstrar como a aplicação desses princípios pode gerar uma evolução significativa nos pacientes, potencializando a reestruturação subjetiva e a prevenção de recaídas.

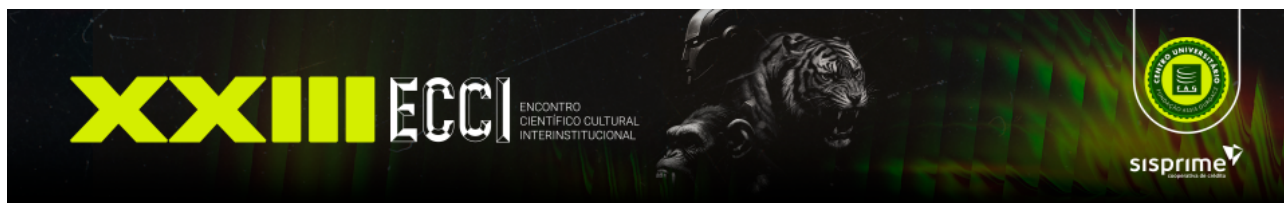
Este estudo revela-se relevante ao aplicar os conceitos pichonianos em um ambiente de reabilitação, evidenciando a importância dos grupos e dos vínculos como estratégia de cuidado. Por meio da dinâmica grupal, os pacientes podem não apenas trocar experiências, mas também encontrar um espaço de escuta e reflexão sobre suas trajetórias, ressignificando suas histórias de vida. Isso fortalece o senso de pertencimento e a identidade dos indivíduos, considerando que a maior demanda observada entre os participantes estava relacionada à baixa autoestima e à carência de autoconhecimento.

O objetivo principal deste artigo é abordar o funcionamento dos grupos, sob a perspectiva de Enrique Pichon-Rivière, em clínicas de reabilitação para pacientes com dependência química e transtornos mentais. A intervenção foi realizada por estagiárias no âmbito da disciplina Estágio Básico – Práticas Grupais: Ações Preventivas e Interventivas nas Instituições. A metodologia incluiu a análise das atividades desenvolvidas em cada encontro, cujos temas foram definidos de acordo com as necessidades emergentes do grupo, dada a constante rotatividade de pacientes. Temas como autoestima, autoconfiança, autossabotagem, planejamento de vida (em curto e longo prazo), e transtornos como bipolaridade e borderline foram abordados, refletindo as demandas prioritárias identificadas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O CONCEITO DE GRUPO OPERATIVO EM PICHON-RIVIÈRE

No campo da psicologia, a palavra "grupo" costuma remeter a um conjunto de pessoas reunidas em torno de um objetivo comum. Contudo, para Enrique Pichon-Rivière, esse conceito adquire uma profundidade ímpar: "Um grupo é um conjunto de pessoas ligadas no tempo e no espaço que se propõem, de forma explícita ou implícita, à execução de uma determinada tarefa" (PICHON-RIVIÈRE, 1980, p. 119). Essa definição, aparentemente simples, encerra a essência do grupo operativo: um dispositivo de aprendizagem, transformação e mudança, centrado na realização de uma tarefa e sustentado pelo vínculo grupal.



Para Pichon-Rivière, o grupo não é apenas um espaço de convivência, mas um campo dinâmico de interação e elaboração psíquica. Ele parte do pressuposto de que cada integrante traz consigo um conjunto de representações – seu Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO) – que será mobilizado e transformado pela experiência grupal. Essa perspectiva resgata a função educativa, terapêutica e social do grupo, rompendo com visões reducionistas e estáticas.

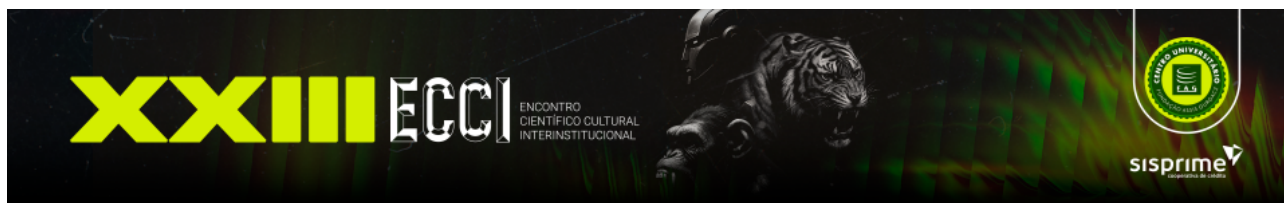
O percurso de um grupo operativo se desdobra em três momentos cruciais:

- **Pré-tarefa:** É o estágio inicial, marcado por resistências, ansiedades e defesas inconscientes. Aqui, surgem comportamentos de evitação ou de negação da proposta grupal, pois a tarefa desafia o "velho" modelo de funcionamento de cada participante. Pichon-Rivière (1980) destaca que "a resistência à mudança é a expressão de um vínculo anterior, fixado, estereotipado" (p. 104). A superação desse momento depende da criação de um espaço de confiança e escuta.
- **Tarefa:** Uma vez superadas as barreiras iniciais, o grupo mergulha na realização efetiva da tarefa. Os ECROs dos participantes se confrontam, permitindo trocas genuínas e aprendizado mútuo. É nesse momento que ocorre a produção de conhecimento coletivo e a transformação de velhos padrões, consolidando um espaço de cuidado e crescimento.
- **Projeto:** Ultrapassados os estágios anteriores, o grupo alcança a fase do projeto, caracterizada pela integração dos aprendizados e pela possibilidade de aplicá-los na vida cotidiana. Aqui, cada participante projeta um futuro mais adaptativo, levando consigo novos referenciais e a força do pertencimento grupal como base para mudanças sustentáveis.

2.2 GRUPOS OPERATIVOS EM CLÍNICAS DE REABILITAÇÃO

A eficácia dos grupos operativos transcende o campo clínico tradicional, encontrando especial relevância em ambientes como as clínicas de reabilitação. O trabalho grupal potencializa a ressignificação de experiências de sofrimento, promovendo o fortalecimento do vínculo e o surgimento de novas formas de enfrentamento.

A pertinência dessa abordagem é ainda mais evidente em contextos de crise. Após a pandemia de COVID-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) registrou um aumento global de 25% nos transtornos de ansiedade e depressão. Esses dados ilustram o impacto devastador do isolamento social, que desarticula o "aprender e fazer com o outro" – conceito central para



Pichon-Rivière. O grupo, nesses casos, assume a função de reconstituir o laço social rompido e devolver ao indivíduo a sensação de pertencimento e identidade.

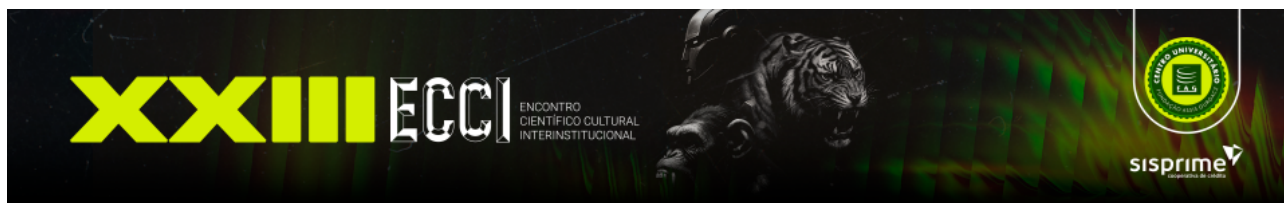
No contexto das clínicas de reabilitação, o grupo operativo não tem como meta explícita apenas a "alta institucional". Seu objetivo mais profundo é propiciar aos participantes a construção de vínculos, o resgate da autoestima e a ampliação do autoconhecimento, enfrentando as causas subjetivas que sustentam o adoecimento. Como afirma Pichon-Rivière (1980), o grupo é um "espaço privilegiado para a aprendizagem de novas formas de relação e para a elaboração de conflitos", elementos fundamentais para a recuperação e a prevenção de recaídas.

2.3 PAPÉIS GRUPAIS E A DINÂMICA DA APRENDIZAGEM

No funcionamento do grupo operativo, a emergência dos papéis grupais revela e organiza as tensões e as necessidades inconscientes que permeiam a experiência coletiva. Pichon-Rivière identificou alguns papéis fundamentais que se alternam e se redefinem ao longo do processo:

- Porta-voz: Expressa um sintoma ou conflito latente do grupo, funcionando como um "termômetro" das ansiedades e expectativas coletivas. Sua fala representa algo maior do que si mesmo – é a fala do grupo que encontra eco em uma voz individual.
- Bode expiatório: Carrega, temporariamente, as projeções negativas do grupo. Representa o "lugar" onde as ansiedades e as dificuldades são depositadas, permitindo ao grupo se proteger de seus próprios conflitos. Reconhecer esse papel é essencial para que a responsabilidade pelas tensões seja ressignificada coletivamente.
- Líder: Pode ser formal ou informal, e alterna-se entre liderança do progresso (impulsionando a tarefa) e liderança da resistência (sabotar ou atrasar o trabalho). Esses papéis são dinâmicos e não fixos, refletindo a complexidade das relações e das resistências inconscientes do grupo.

A função do coordenador é fundamental para a mediação desses papéis e para a manutenção de um ambiente de confiança e escuta. Por meio dessa atuação, o grupo se torna um espaço de aprendizagem em espiral, onde cada participante experimenta e elabora novas formas de operar na realidade. Esse processo, ao mesmo tempo subjetivo e social, é o que fundamenta o grupo operativo como estratégia terapêutica: um lugar de reconstrução de vínculos, de resgate do sentido de vida e de fortalecimento da capacidade de mudança.



3. METODOLOGIA

O presente estudo configura-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, com o objetivo de apresentar e refletir sobre as vivências ocorridas durante a realização do Estágio Obrigatório Profissionalizante do curso de Psicologia. As atividades foram desenvolvidas no Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG), na cidade de Cascavel – PR, em uma clínica de reabilitação privada, no contexto de atendimentos em grupo para pacientes internados.

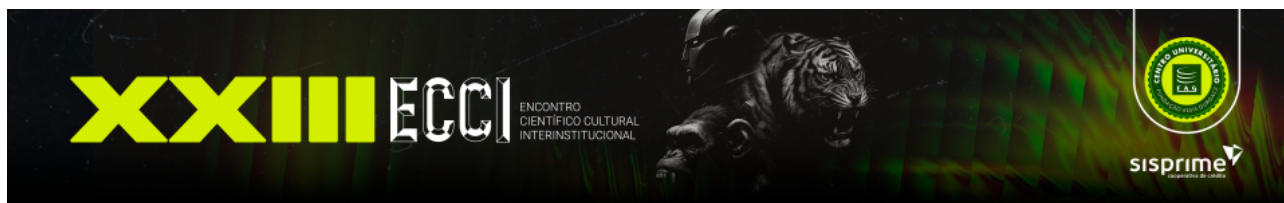
3.1 CONTEXTO DA INTERVENÇÃO

A clínica de reabilitação atende pacientes com transtornos mentais e dependência química, com idade superior a 18 anos, em regime de internação (voluntária e involuntária). A instituição oferece apoio emocional e conta com profissionais capacitados para auxiliar na recuperação individual, incluindo um serviço de pós-venção, essencial para a prevenção de recaídas.

3.2 ESTRUTURA DOS ENCONTROS

As intervenções ocorreram ao longo de 40 encontros durante os semestres, cada encontro semanal com duração média de uma a duas horas, sempre às sextas-feiras. Os grupos eram compostos por aproximadamente 15 a 20 participantes, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 70 anos. Estes apresentavam queixas emocionais ou histórico de dependência química, sendo frequente a coexistência de ambas as condições.

Cada encontro foi estruturado com uma breve apresentação do tema central, escolhido de acordo com as demandas observadas na dinâmica grupal anterior. Em seguida, era proposta uma dinâmica reflexiva ou expressiva, buscando promover a participação ativa, a troca de experiências e a assimilação dos conteúdos abordados, sempre considerando a tarefa explícita (o tema do dia) e a tarefa implícita (a elaboração das ansiedades e medos subjacentes, típicas do grupo operativo).



3.3 TEMAS PROPOSTOS

A análise da dinâmica grupal revelou uma predominância de queixas emocionais e de dificuldades relacionadas ao autoconhecimento e à autoestima entre os participantes, em detrimento de demandas diretamente aditivas. Com base nessa observação, os temas selecionados para os encontros incluíram: autoconhecimento, amor-próprio, autossabotagem, culpa, estrutura familiar, saúde mental, transtornos psicológicos (especialmente transtorno bipolar e borderline, que apresentavam maior demanda), e planejamento de vida em curto e longo prazo.

Essa abordagem metodológica, ao privilegiar o vínculo grupal e a escuta sensível, possibilita compreender não apenas o que é dito, mas também o que é sentido e projetado no espaço coletivo. Assim, o grupo operativo se consolida como ferramenta potente de cuidado, aprendizado e reconstrução de si, confirmando sua relevância como estratégia clínica e pedagógica nos processos de reabilitação.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

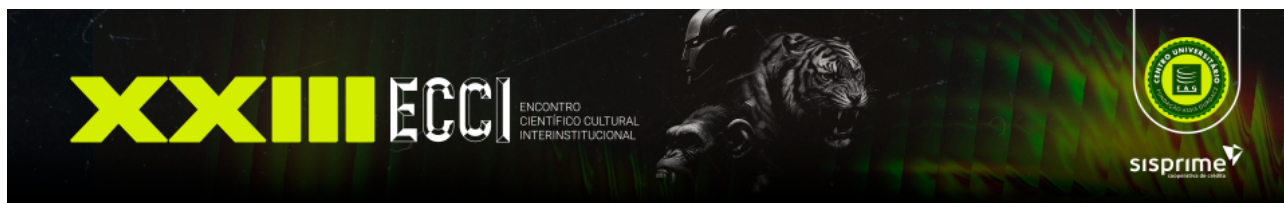
4.1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Como o grupo atendido apresentava dificuldades relacionadas ao autoconhecimento, foi proposta uma intervenção com foco na redescoberta da identidade e dos interesses pessoais, incentivando-os a se reconectarem consigo mesmos. Os principais encontros que trouxeram resultados mais marcantes foram os descritos a seguir.

4.1.1 Autoconhecimento

O tema “autoconhecimento” foi proposto inicialmente para auxiliar na identificação dos valores pessoais e crenças que orientam decisões e comportamentos, promovendo assim, um alinhamento entre ações e princípios.

A metodologia utilizada foi, realizar uma breve explicação acerca do tema, relatando a importância de se autoconhecer, e como a falta disso prejudica nossos relacionamentos externos e internos, e como isso interfere em nossas escolhas. Em seguida, foi realizada uma dinâmica na qual



os participantes escreviam em uma folha de papel qualidades de si próprios, e após, realizou-se uma leitura das folhas para que os outros integrantes tentassem adivinhar quem era.

O resultado foi bem significativo, pois os participantes se mostraram colaborativos, acertando mais de 90% das respostas, mostrando o quão conectado está o grupo, possibilitando assim realizar um grupo operativo, fortalecendo os vínculos entre o grupo. Também foi notado a dificuldade de citar uma qualidade acerca de si próprio, mas após um tempo, foi possível todos conseguirem escrever ao menos uma.

4.1.2 Autossabotagem

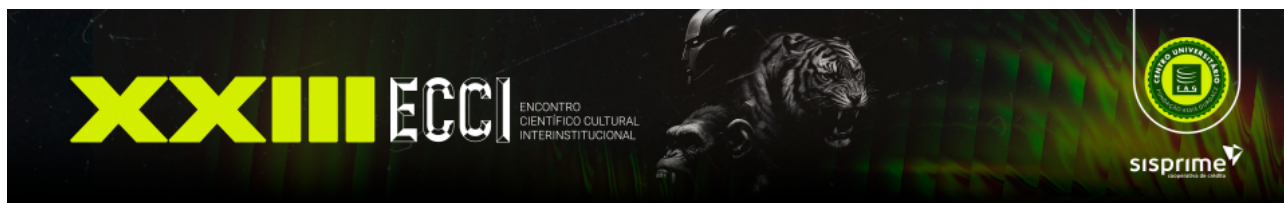
Também foi trabalhado o tema "autossabotagem", com o objetivo de realizar uma reflexão sobre situações que possam estar sendo autossabotadas sem conhecimento disso, podendo estar relacionada também à falta de autoconhecimento. A metodologia se concentrou em realizar uma breve explicação acerca do tema, auxiliando-os a reconhecer comportamentos autossabotadores, e após foi realizada uma dinâmica com o objetivo de estimular eles a resolver e identificar esses padrões.

4.1.3 Família

Trabalhou-se também os tipos de famílias, visto que a maioria dos pacientes tinham queixa em relação aos seus familiares e relacionamentos, com o objetivo orientar os pacientes acerca do que é de fato família, expandindo o significado da palavra, mostrando que vai além de laços sanguíneos.

A introdução se baseou em passar uma curta metragem de uma animação que aborda os diferentes tipos de família, e em seguida, foi solicitado que os pacientes desenhasssem uma árvore genealógica de suas famílias.

Durante a realização da atividade, os pacientes se mostraram muito emotivos desenhando a própria árvore, colocando amigos, pais, mães, e até entes queridos que já faleceram. No início se mostraram resistentes, ao pensar que apenas laços sanguíneos contavam, mas após a reafirmação das estagiárias, eles conseguiram desempenhar um bom rendimento.



4.1.4 Perspectiva de Futuro de Curto e Longo Prazo

Por fim, foi trabalhado a perspectiva de futuro de curto e longo prazo, tendo como objetivo ajudá-los a levar a uma reflexão a respeito da vida, que se estendia muito além dos muros da instituição, ajudando a ter uma visão mais positiva acerca do futuro.

Então, como proposta de intervenção de planejamento a curto prazo, foi solicitado que escrevessem em uma folha sulfite, com o desenho de uma bola de natal, suas metas possíveis de serem alcançadas até a chegada do natal. Já a longo prazo, foi pedido que desenhassem em uma folha A4 seus sonhos e metas que desejam alcançar a longo prazo.

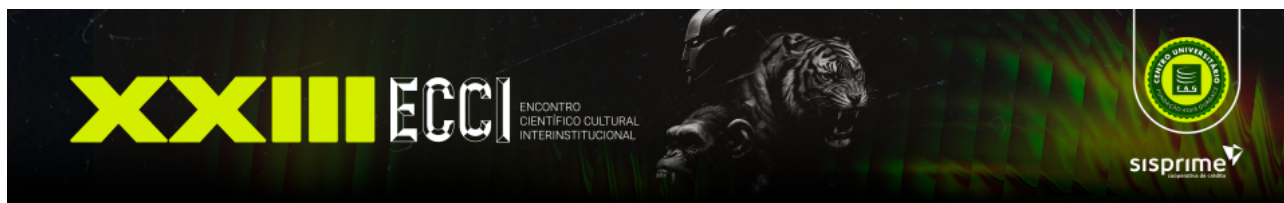
Os resultados foram bem marcantes, as metas de curto prazo foram voltar para a família, melhorar a saúde mental, voltar a trabalhar, estudar, fazer academia e parar de fumar. Já as de longo prazo, eles desenharam carros incríveis, um retrato dele voltando a Jesus, e também teve um desenho que mostrou uma evolução, onde o paciente desenhou sua meta, que era um carro, e também em sua arte representou ele chegando ao objetivo, subindo degrau por degrau.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidencia a importância dos grupos operativos como ferramenta de cuidado, ressignificação e fortalecimento de vínculos no processo de reabilitação de indivíduos com dependência química e transtornos emocionais. O trabalho grupal, inspirado na teoria de Enrique Pichon-Rivière, demonstrou-se eficaz ao proporcionar espaços de escuta, reflexão e aprendizado coletivo, elementos fundamentais para o enfrentamento das dificuldades emocionais e a reconstrução subjetiva.

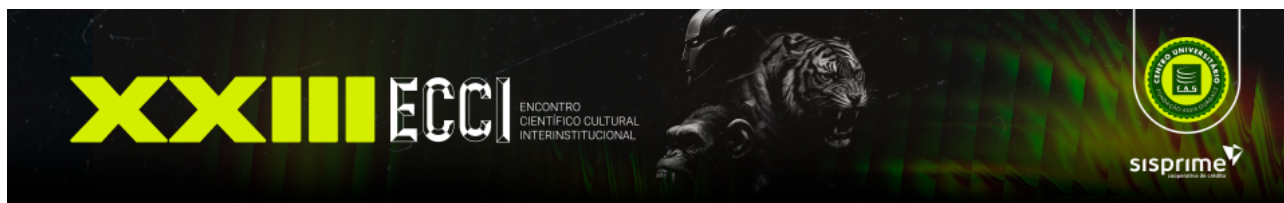
As intervenções realizadas clarificam que o grupo operativo transcende a função terapêutica tradicional, consolidando-se como um espaço dinâmico de transformação e reconstrução identitária. Observou-se que a aplicação dessa metodologia potencializou o autoconhecimento, promoveu a ressignificação de papéis e fortaleceu o pertencimento grupal — aspectos centrais para a prevenção de recaídas e para a construção de projetos de vida mais saudáveis e conscientes.

Apesar dos desafios encontrados, como a rotatividade de participantes e a resistência inicial, o grupo mostrou-se capaz de superar essas barreiras, fortalecendo laços e criando um ambiente de apoio mútuo. A atuação das estagiárias como facilitadoras, aliada à escuta ativa e à adaptação



constante dos temas, foi essencial para atender às demandas emergentes, possibilitando que o grupo fosse um verdadeiro espaço de aprendizagem e transformação.

Assim, enfatiza-se a importância dos grupos operativos como estratégia interdisciplinar e integrativa em contextos de reabilitação, sendo fundamental para a promoção da saúde mental e da autonomia dos participantes. Recomenda-se, para pesquisas futuras, o aprofundamento em estratégias de acompanhamento longitudinal dos impactos desse tipo de intervenção, bem como a ampliação das práticas grupais em diferentes contextos institucionais e se percebe cada vez mais, o quanto esse público alvo precisa de profissionais da psicologia, tanto nos manejos em grupos operativos e psicoterápicos, como o espaço para a fala e a escuta clínica.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) em Políticas Públicas sobre Álcool e outras Drogas**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-em-politicas-publicas-sobre-alcool-e-outras-drogas/>. Acesso em: 29 maio 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial de saúde mental: transformar saúde mental para todos**. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/teams/mental-health-and-substance-use/world-mental-health-report>. Acesso em: 29 maio 2025.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O homem e sua obra**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do vínculo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009.

ZIMERMAN, David. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ZIMERMAN, David. **Os grupos, o grupo e a psicoterapia de grupo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

ZIMERMAN, David. **Teoria e prática das psicoterapias de grupo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.